



Ingresso e Permanência no Ensino Superior Público: Os Desafios da Carreira de Universitários Negros

Caio Gracco Lima Ancillotti - caio.ancillotti@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Priscilla de Oliveira Martins da Silva - priscillamartinssilva@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

O racismo é um fenômeno social que produz danos em diferentes esferas da vida dos negros. Diante disso, a presente pesquisa teve por objetivo identificar como os universitários negros de uma Instituição Federal de Ensino Superior brasileira lidam com a influência do racismo no ingresso e na trajetória ao longo da graduação. Sua operacionalização ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, respondidas por 27 graduandos autodeclarados negros. Os resultados, obtidos a partir de uma Análise de Conteúdo Temático-Categorial e problematizados com base na Teoria de Construção da Carreira, demonstraram que, após a inserção na universidade, o racismo passou a ser reconhecido com maior nitidez pelos universitários, por provocar diferenças em suas experiências estudantis. Frente a ele, as principais formas de manejo e combate estabelecidas pelos estudantes foram: a aproximação aos pares, negros ou não; a constituição de redes de apoio; e o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais. Tais medidas contribuíram para a permanência dos graduandos negros na instituição e para a modificação de alguns elementos constitutivos da estrutura institucional, estabelecida com base nas vivências de pessoas brancas e socioeconomicamente privilegiadas, que tradicionalmente frequentaram o espaço.

Palavras-chaves: Racismo; desenvolvimento profissional; carreira; estudantes universitários.

Introdução

Na atual conjuntura social e econômica global, de redução das oportunidades profissionais e de fragilidade do crescimento econômico, em que são exigidas dos indivíduos múltiplas estratégias adaptativas durante o desenvolvimento de suas carreiras (Mourão & Fernandes, 2020), o Ensino Superior emerge como uma importante etapa da carreira, visto que tem caráter decisivo no processo de estratificação e mobilidade social, representando para os graduados maior probabilidade de obtenção de empregos com melhores remunerações e condições de trabalho (Carvalhoes & Ribeiro, 2019). O reconhecimento social da pertinência de tal titulação pode ser constatado pelo crescimento, nas últimas duas décadas, do número de estudantes matriculados, fomentado por políticas públicas destinadas à inserção de jovens na universidade e por ações afirmativas que buscam o romper com circunstâncias excludentes que limitam a escolarização formal de pessoas em situação de restrição socioeconômica (Ambiel & Barros, 2018).

Na tentativa de minorar a desigualdade étnico-racial no ingresso ao Ensino Superior, foram aprovadas as primeiras medidas compensatórias em universidades estaduais, representadas pela política de reserva de vagas, inicialmente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2001, seguida pela Universidade do Estado da Bahia, em 2002. Apenas em 2012, com a aprovação da Lei 12.711 de 2012, que as instituições federais foram obrigadas a reservar metade das vagas disponibilizadas anualmente aos estudantes cotistas (Coelho et al., 2019).

Embora exista, atualmente, uma política que visa assegurar o acesso de estudantes negros, Coelho et al (2019) destacam, em sua revisão de literatura sobre o racismo nas universidades brasileiras, que há pouco aprofundamento sobre o racismo que atinge os estudantes negros cotidianamente durante a graduação. Nessa perspectiva, a pesquisa conduzida por Santos (2020), com cotistas raciais egressos de instituições públicas de Ensino Superior do CentroOeste, identificou que a vida dos entrevistados esteve marcada pela luta contra os impactos do racismo e de outras formas de desigualdade, como as produzidas pela classe social e pelo gênero. O pesquisador constatou, também, que o apoio familiar e a participação em grupos com outros estudantes negros contribuíram para a permanência e conclusão do curso, e que a trajetória acadêmica proporcionou mudanças nas identidades dos discentes, sobretudo em relação ao que é ser negro e quais os espaços de poder são ocupados por brancos e negros na sociedade brasileira.

Resultados similares foram encontrados por Harris, Janovec, Murray, Gubbala, e Robinson (2018), que observaram, em seu estudo com universitários negros estadunidenses, relatos de experiências constantes de microagressões, manifestadas verbalmente ou não, tanto no espaço universitário quanto na comunidade, ocasionando neles estresse, fadiga pela batalha racial e sofrimento psicológico. O estudo de Allen (2020) também observa que as universidades são espaços de socialização racial e de gênero em que as ideologias dominantes acerca da masculinidade negra produzem microagressões específicas a este público, demandando dele negociações, subversões e resistência aos regimes dominantes. É possível constatar, então, a partir da literatura científica supracitada, que o racismo e os fenômenos dele provenientes, como a discriminação racial, interferem nas vivências universitárias dos negros, tornando o processo formativo mais desafiador.

O racismo, por sua vez, é uma ideologia com propósito de dominação, por parte do grupo social e racialmente dominante, que inferioriza e tenta aniquilar a identidade cultural da população negra, ao utilizar instrumentos cotidianos de controle, imposição de valores e distorções representacionais (Coelho et al., 2019). Ele é determinante para a manutenção das desigualdades, ocasionando, nos indivíduos negros, sofrimento psíquico e humilhação social, além de contribuir para a naturalização das injustiças sociais (Martins et al., 2013).

Frente à necessidade de desenvolver conhecimentos que expressem a realidade nacional e detectar as especificidades do processo de construção da carreira vivenciados no país, este estudo tem por objetivo identificar como universitários negros de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) brasileira lidam com a influência do racismo no ingresso e na trajetória ao longo da graduação. Para tanto, será utilizado como referencial a Teoria de Construção da Carreira (TCC) e, em especial, um de seus conceitos, conhecido como processo de adaptação, que serão aprofundados na seção seguinte.

Teoria de Construção da Carreira

A TCC se dedica a analisar os processos interpretativos e interpessoais pelos quais o indivíduo se constrói, direciona seu comportamento vocacional e dá sentido à própria carreira (Savickas, 2013). Ela concebe a carreira sob uma perspectiva contextualista, ou seja, entende o desenvolvimento como resultado da capacidade de se adaptar ao ambiente, e não da maturação de estruturas internas, concentrando sua atenção nos processos interpretativos, interacionistas e de negociação de significados (Savickas, 2005). Nesse sentido, a adaptação é derivada do que pode ser compreendido como processo de adaptação e consiste em dominar atividades de desenvolvimento profissional, gerir as transições ocupacionais e se ajustar às circunstâncias do trabalho. Tal processo é fomentado por cinco categorias de comportamentos, que formam um miniciclo de adaptações com tendência à repetição periódica de acordo com as mudanças exigidas pelo ambiente, sendo elas: (1) orientação; (2) exploração; (3) estabilização; (4) gerenciamento; e (5) desengajamento (Ambiel, 2014).

A orientação está relacionada a atividades exploratórias cujo propósito é favorecer o desenvolvimento da personalidade vocacional do indivíduo, ou seja, trata-se de uma etapa inicial em são exploradas informações a respeito de si mesmo e do mundo do trabalho, buscando um ajuste entre as duas partes. A exploração envolve o ajustamento dos interesses, valores e crenças do sujeito frente às exigências do mundo do trabalho, por meio da busca de informações em diferentes meios (Ambiel, 2014). A estabilização pode ser entendida como o momento de busca pela estabilidade em dada atividade profissional. O gerenciamento diz respeito à administração de determinada situação pelo indivíduo motivada por seu desejo de permanecer na posição ocupada. Por último, o desengajamento é o processo no qual o sujeito organiza sua saída de determinado espaço profissional, motivado pela possibilidade de se deslocar para outro ou pelo interesse em migrar para uma carreira diferente da atual (Ambiel, 2014). Cabe destacar que, nesta pesquisa, o processo de adaptação e as categorias comportamentais que o compõem serão analisados tendo como enfoque o Ensino Superior e as vivências de universitários negros a ele associadas.

No Brasil, as pesquisas desenvolvidas a partir da TCC tem se dedicado a compreender, entre outros grupos populacionais, a carreira de universitários (Almeida & Teixeira, 2018; Ambiel et al., 2016, 2019), contudo, não foram localizados estudos dedicados à compreensão da carreira de graduandos negros brasileiros, sinalizando uma lacuna significativa, visto que a população do país é majoritariamente negra (IBGE, 2019) e o contexto é um aspecto valioso à teoria (Wehrle et al., 2019). Ademais, embora a adaptabilidade de carreira seja um conceito amplamente estudado no país (Duarte et al., 2020; Farina et al., 2020; Salvador & Ambiel, 2019), pesquisas dedicadas a analisar a construção da carreira com base no miniciclo de adaptações ainda não são habituais no país.

Diante do exposto, a escolha da TCC como orientadora das análises propostas por esta pesquisa se deve ao reconhecimento de que, para ela, o contexto é um componente primordial ao processo de construção da carreira empreendido pelos indivíduos. À vista disso, entendendo-se que o racismo é um fenômeno social que interfere historicamente na vida da população brasileira, especialmente na dos negros, é possível depreender que tal teoria fornece elementos suficientes para a compreensão das formas com que os universitários negros lidam com ele, dinâmica que, de acordo com a TCC, é nomeada como processo de adaptação. Espera-se, então, que as informações obtidas nesse estudo contribuam para o aprofundamento da

compreensão acerca das especificidades do percurso profissional dos graduandos negros, fornecendo dados que auxiliem na avaliação das políticas públicas destinadas à garantia do ingresso e da permanência desse público nas instituições de Ensino Superior.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 27 universitários (16 do gênero feminino e 11 do masculino) autodeclarados pretos ou pardos, como adotado pelo IBGE (2011), com idade entre 20 e 53 anos ($M=23,96$, $DP=6,07$), pertencentes a uma IFES situada na região sudeste do Brasil.

Instrumentos

Dois instrumentos foram utilizados para a operacionalização da coleta de dados: Um questionário sociodemográfico e um roteiro de entrevista semiestruturado. A entrevista semiestruturada, por ser formatada para abordar tópicos específicos relacionados ao tema estudado e reservar espaço para o acréscimo de novos significados sobre o fenômeno analisado, permite o engajamento do indivíduo nos segmentos estruturados da entrevista, possibilitando considerável reciprocidade entre pesquisador e participante, estabelecendo um canal para sondagem das respostas obtidas, seja para elucidações, significações ou reflexões críticas (Galletta, 2013).

Levando em consideração necessidade de assegurar o aprofundamento sobre as questões relativas aos objetivos da pesquisa, elaborou-se um roteiro que contemplava: o contexto social do indivíduo e sua influência na carreira, o processo de escolha do curso de graduação, as vivências universitárias, o suporte fornecido pela instituição, a percepção da influência da renda familiar no desenvolvimento acadêmico e a definição das áreas de interesse profissional. Ademais, foram acrescentadas perguntas que auxiliassem a compreensão do pesquisador acerca da percepção do entrevistado sobre os tópicos mencionados.

Procedimentos

Os participantes foram acessados por conveniência (Flick, 2009), ao se voluntariarem preenchendo um formulário on-line, divulgado pelos autores para suas redes de contatos vinculadas à IFES por meio de aplicativo de mensagens instantâneas. Tal formulário incluía o questionário sociodemográfico e um espaço para fornecimento dos dados de contato. Seguindo a ordem de recebimento das informações, os indivíduos que atendiam aos critérios de inclusão, ou seja, que se autodeclararam pretos ou pardos e eram graduandos da instituição alvo da pesquisa, foram convidados para as entrevistas, realizadas virtualmente com o auxílio de um software gratuito de videochamadas.

Antes de iniciar a coleta de dados, o pesquisador pedia autorização para a captação audiovisual e, a partir do consentimento do entrevistado, procedia com a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo consentimento era registrado por áudio. Ao término das entrevistas, que tiveram duração média de 40 minutos, uma cópia do TCLE assinada pelo pesquisador responsável era enviada ao participante. Convém destacar que a

coleta foi precedida por quatro entrevistas-piloto, aplicadas com intuito de aprimorar o instrumento frente aos objetivos propostos.

Os dados obtidos com o questionário sociodemográfico foram analisados por meio de estatística descritiva. Já o material oriundo das entrevistas foi transcrito integralmente e submetido a uma Análise de Conteúdo Temático-Categorial (Bardin, 2015), que pode ser entendida como um conjunto de técnicas analíticas da comunicação que buscam obter indicadores (quantitativos ou não) que possibilitem a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção/recepção de mensagens por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de seus conteúdos. Sua finalidade é possibilitar deduções lógicas e justificadas a respeito do emissor, do contexto e, eventualmente, dos efeitos das mensagens; sendo desenvolvida a partir de três etapas cronológicas: (1) A pré-análise; (2) a exploração do material; e (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A presente pesquisa está fundamentada em uma sistematização qualitativa dos dados, cujos temas e categorias foram elaborados com base em duas estratégias: Primeiramente, os autores estabeleceram as categorias “Orientação”, “Exploração”, “Estabelecimento”, “Gerenciamento” e “Desengajamento” a partir do referencial teórico que fundamenta o estudo (TCC). Posteriormente, durante o processo de análise, os temas foram definidos baseados nos conteúdos das narrativas dos participantes. A categoria “Desengajamento”, por sua vez, foi excluída da análise, visto que não compôs o discurso dos entrevistados. Finalizada a Análise de Conteúdo, o material passou por validação por intermédio de discussão entre os pesquisadores, conforme previsto por Campos (2004), de modo que os temas, categorias e subcategorias apresentados compreendem o consenso atingido por eles.

Os instrumentos e etapas descritos respeitaram, em sua totalidade, os critérios da ética em pesquisa com seres humanos, conforme resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo examinados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o parecer número x.xxx.xxx.

Resultados

Com vistas a facilitar a compreensão dos dados e das análises desenvolvidas a partir deles, as seções “Resultados” e “Discussão” serão apresentadas separadamente.

Caracterização dos Participantes

Foram entrevistados universitários negros de cursos das Ciências Humanas (12 discentes), Ciências Sociais Aplicadas (9), Ciências Exatas (3) e Ciências Biológicas (2). Em relação ao tempo de curso, os universitários estavam, em média, a 6,7 (DP=3,20) períodos na IFES, sendo o tempo mínimo um período e o máximo 13.

No que diz respeito ao acesso à IFES, 21 participantes ingressaram por meio do sistema de cotas, ou seja, candidataram-se a vagas destinadas a indivíduos que cursaram integralmente o Ensino Médio em Escolas Públicas, e seis disputaram as vagas de ampla concorrência. Em

relação à renda per capita familiar, declarada no preenchimento do questionário sociodemográfico, os participantes dispunham de provimento médio inferior ao salário mínimo do período (R\$ 1.045,00), perfazendo a quantia de R\$ 1.038,67 (DP=615,56). Quanto ao serviço de Assistência Estudantil, constituído basicamente pelo provimento de um auxílio financeiro aos estudantes com renda per capita familiar inferior a 1,5 salário, 12 entrevistados declararam ser beneficiários dele. Todavia, considerando o critério econômico adotado pelas IFES, 20 estudantes estariam aptos a receberem o auxílio.

Análise de Conteúdo

A análise de conteúdo das entrevistas resultou na estruturação dos dados em torno de dois temas, intitulados: “Antes de Ingressar na Universidade” (T1) e “Durante a Graduação” (T2). O tema “Antes de Ingressar na Universidade” inclui as categorias: “Orientação” (C1) e “Exploração” (C2). Já o tema “Durante a Graduação” envolve as categorias: “Orientação” (C1); “Exploração” (C2), “Estabelecimento” (C3) e “Gerenciamento” (C4). Cada um dos temas e suas respectivas categorias e subcategorias serão apresentados a seguir e, com o objetivo de exemplificar os conteúdos, trechos dos discursos dos participantes serão incluídos. Como estratégia para garantir o anonimato dos entrevistados, seus nomes foram substituídos pelos de pesquisadores negros atuantes no Brasil.

O primeiro tema (T1), “Antes de Ingressar na Universidade”, abrange as experiências dos participantes ao longo do percurso vinculado à escolha da graduação e, conseqüentemente, da carreira a ser percorrida. A primeira categoria (C1), nomeada como “Orientação”, descreve os processos iniciais empreendidos pelos graduandos negros para identificarem suas características pessoais e interesses profissionais e os cursos de graduação alinhados a eles. Nessa dinâmica, o relacionamento com os professores também foi identificado como relevante ao reconhecimento do sujeito de suas possibilidades profissionais. Tais aspectos podem ser observados nos excertos:

A Psicologia apareceu porque era área em que eu tinha mais variedade de coisas, eu acho que, em relação a conhecimento, era uma área que eu teria... as coisas que eu gostava na época do Ensino Médio, da Biologia, da História, da Geopolítica (Fábio, graduando em Psicologia).

Acredito que os professores que a gente tem também nos influenciam... não digo influenciam, mas nos inspiram a muitas coisas, que a gente pensa que a gente não pode, mas que a gente pode sim, e então, os meus professores, eles sempre me influenciaram, me inspiraram muito a isso (Maria Nilza, graduanda em Ciências Sociais).

A categoria “Exploração” (C2) apresenta as ações desenvolvidas pelos estudantes para obterem informações mais detalhadas sobre as graduações a que se interessaram. Trata-se de um procedimento frequentemente marcado pela aquisição de conhecimentos superficiais sobre o curso, restritos à grade adotada pela IFES. Contudo, também foram mencionadas análises sobre a empregabilidade proporcionada pelas graduações almejadas, fator que emergiu como decisivo para a escolha do curso. Ilustram as situações descritas as passagens:

Eram simplesmente essas informações básicas mesmo, que tinha matutino ou noturno, aí o matutino era quatro [anos] e o noturno era quatro [anos] e meio a duração, e os períodos e as matérias, eram as únicas informações que eu tinha do curso (Helio, graduando em Administração).

Quando eu decidi ir para a área de licenciatura, a área de História tem empregabilidade melhor do que algumas outras áreas, tinha pelo menos, quando eu decidi, em 2015, por ter um número de aulas maiores, porque a gente precisa ganhar dinheiro (Wilson Roberto, graduando em História).

O segundo tema (T2), “Durante a Graduação”, retrata as vivências dos universitários negros após o ingresso na universidade. A primeira categoria (C1), “Orientação”, apresenta as impressões iniciais dos discentes sobre a graduação escolhida e a experiência na universidade. São mencionados aspectos considerados satisfatórios, como a compreensão adquirida em relação à amplitude de áreas de atuação profissional, bem como frustrações, motivadas pela constatação das limitações da IFES, que impactam a experiência com o curso. Exemplificam tais percepções os fragmentos:

Depois de ter entrado no curso, eu passei a ter a impressão... que tinham muito mais coisas além das que eu conheci, no momento que eu queria fazer, no momento que eu ainda era estudante de Ensino Médio, questões que eu nem imaginava que existisse, possibilidades do curso que eu não imaginava (Fábio, graduando em Psicologia).

A gente tinha poucos professores, a gente ainda tem poucos professores, então, quando eu estava prestes a entrar na universidade, eu imaginei uma gama de professores, que a gente ia discutir os textos profundamente, e não, não era isso, isso acabou prejudicando a nossa grade (Janete Regina, graduanda em Geografia).

A categoria “Exploração” (C2) descreve o cotidiano dos graduandos negros após a inserção na universidade, evidenciando a assimilação acerca do próprio curso, da lógica de funcionamento da instituição e das relações interpessoais que se estabelecem no espaço acadêmico. Durante esse processo, o estabelecimento de vínculos afetivos com outros indivíduos negros é percebido como proveitoso na vivência universitária., mas também há relatos de descontentamento com a estrutura do curso e da instituição. Essa dualidade pode ser identificada nos excertos:

É um público majoritariamente branco, então a vivência é muito outra. Os negros acabaram se recolhendo e se aproximando, então, por um lado é bom, porque a gente se aproxima mais, então eu ando com pessoas negras e foi mais fácil fazer amigos negros, me aproximar, ter um vínculo maior, porque nós somos minoria, então a gente acaba tendo que se juntar, se cuidar e se acolher (Wilson Roberto, graduando em História).

Eu tenho poucos amigos pretos na faculdade, né, mesmo com o sistema de cotas a gente sabe o que acontece. E aí era sempre muito nítida a diferença de tratamento para a gente e com os demais (Maria Estela, graduanda em Arquitetura).

A questão do meu ideal de justiça e de fazer a diferença, a universidade... eu acho que não necessariamente o curso em si, mas a maneira como os professores passam, como a grade é feita, eu não sei... a gente sai mais decepcionado do que realmente inspirado com a carreira, então eu acho que isso é um pouco diferente do que eu imaginava (Ísis Aparecida, graduanda em Direito).

A categoria “Estabelecimento” (C3) discorre a respeito dos processos adotados pelos universitários negros para lidarem com as exigências ou obstáculos de seu curso ou da IFES e,

desse modo, permanecem na instituição e prosseguem com a trajetória no Ensino Superior. Nesse contexto, alguns elementos foram considerados essenciais à aquisição das competências e conhecimentos necessários à continuidade no curso, destacando-se entre eles os grupos e as amizades estabelecidos na universidade. Em contrapartida, também houve questões que foram entendidas como dificultadoras de uma trajetória acadêmica bem-sucedida, como o despreparo da IFES para garantir a adequada permanência dos estudantes negros e dos que possuem limitações de ordem socioeconômica. Isso pode ser constatado nos fragmentos:

Eu acho que o Centro Acadêmico influenciou muito nisso, nessas várias conexões que eu pude fazer, eu acho que não me arrependo de nenhuma experiência que eu tive na [IFES], foram todas muito positivas e, com certeza, agregadoras em vários âmbitos da minha vida, tanto pessoal quanto profissional (Thiago, graduando em Direito).

Então, eu acho que vai muito além da questão da assistência [estudantil], eu acho que a estrutura da universidade, como ela é construída, não é para a gente estar lá, as pessoas que são pobres, pretas, é o que eu sinto, apesar de gostar do espaço da universidade (Sales, graduando em Ciências Sociais).

Por último, a categoria “Gerenciamento” (C4) apresenta as estratégias empreendidas pelos participantes para assegurarem que suas carreiras se encaminhem na direção que almejam. Elas envolvem reivindicações coletivas do reconhecimento das questões étnico-raciais como valiosas ao meio acadêmico e o direcionamento do engajamento com o curso de graduação para as áreas que aparentam ser mais promissoras profissionalmente. Tal dinâmica é evidenciada nos trechos:

E fui ver toda a transformação que meu próprio curso se colocou diante disso, meu curso caminha para colocar autoras e autores negros no curso, minha turma que coloca uma formatura preta, eu pude participar da formação do Cine Clube para discutir questão racial no meu curso, para poder trazer essa metodologia (Emerson, graduando em Ciências Sociais).

Eu recebo a bolsa de uma professora do curso, que é de Sociologia, e eu me interesso até por Sociologia, eu gosto de Sociologia, mas tem uma influência muito grande do fato de estar recebendo uma bolsa com ela, ter um contato mais próximo com ela e ser bem mais fácil prosseguir nessa área com ela do que tentar uma outra área com outro professor que eu não conheço, sei nem se tem bolsa. Então, assim, a realidade econômica mais uma vez influencia também nesse aspecto decisório (Valter Roberto, graduando em Ciências Sociais).

Diante do exposto, é possível depreender que antes do ingresso na IFES, os discentes se baseiam em seus interesses e habilidades para delinear o curso de graduação que melhor contempla suas ambições pessoais e profissionais, recebendo o suporte e as considerações de seus professores durante o processo. A escolha, contudo, é frequentemente marcada por um conhecimento superficial sobre as possibilidades vinculadas à graduação.

Alcançado o acesso ao Ensino Superior, os universitários negros aprofundam as informações que dispõem sobre o curso, mas também constata os problemas da instituição e, entre eles, o racismo. Para superarem os desafios de serem negros em um espaço historicamente ocupado por brancos, os graduandos se aproximam de seus pares, além de buscarem suporte nos espaços coletivos em funcionamento na universidade. Já ao projetarem a carreira após a graduação, a necessidade de garantir recursos compatíveis à sobrevivência os leva a selecionarem as oportunidades profissionais que aparentam ser mais seguras.

Discussão

A análise do processo de orientação empreendido pelos graduandos antes de ingressarem no Ensino Superior demonstram que os recursos utilizados pelo grupo correspondem aos habitualmente empregados pela população brasileira, como demonstram Mourão e Fernandes (2020). Assim, reconhecer as aptidões e os interesses pessoais e buscar áreas em que eles contribuam para o exercício profissional (T1, C1) está de acordo com o previsto pelos autores, que indicam que as características do indivíduo, inclusive sua personalidade, podem contribuir no desenvolvimento profissional (Mourão & Fernandes, 2020).

Conscientes de seus interesses e aptidões, os discentes negros se dedicam, então, ao aprofundamento dos conhecimentos que possuem acerca das graduações que os interessam, por meio de um processo de exploração (T1, C2) que envolve, além de informações sobre o curso, um detalhamento das possibilidades profissionais, após a formação, associadas a ele. Todavia, o resultado dessa dinâmica nem sempre torna a tomada de decisão mais assertiva, visto que o conteúdo obtido pode ser limitado ou representar uma concepção estereotipada sobre a futura ocupação.

No que diz respeito à limitação de informações concernentes ao curso, é possível identificar que a presença do racismo nas estruturas social e educacional brasileiras dificulta a aproximação dos negros ao Ensino Superior público ainda no Ensino Médio, como pontuam Coelho et al. (2019), ao salientarem que, embora componham a maior parte da população brasileira, os negros ainda são minoria em espaços privilegiados como as universidades públicas, de modo que elas permanecem como um ambiente destinado à elite. Assim, frente aos empecilhos ao acesso à universidade pela população negra, obter informações precisas sobre uma IES a partir do contexto de inserção dos indivíduos se torna uma tarefa potencialmente mais difícil (Coelho et al., 2019).

Em relação à desvalorização social da graduação escolhida, relatada por parte dos entrevistados, a dimensão étnico-racial também pode contribuir para a compreensão de tais eventos, visto que, conforme demonstram Carvalhaes e Ribeiro (2019), há uma representação desproporcional, isto é, superior à compatível com o quantitativo populacional, de indivíduos brancos nos cursos de alto retorno socioeconômico, enquanto os negros estão sobrerrepresentados nos cursos de baixo retorno. Desse modo, deparar-se com estereótipos sociais sobre o curso escolhido se deve, entre outras motivações, a maior presença da população negra em graduações de menor prestígio social. Em contrapartida, mudanças na escolha do curso motivadas pela necessidade de inserção no mercado de trabalho também podem ser entendidas como efeito do racismo, pois os estudantes negros, segundo Carvalhaes e Ribeiro (2019), ao selecionarem sua graduação, precisam conciliar suas ambições profissionais às oportunidades disponíveis, que independem, portanto, de seus interesses, relacionando-se apenas às suas condições de vida, marcadas por desigualdades raciais.

Após o ingresso no Ensino Superior, uma nova etapa de orientação (T2, C1) é conduzida pelos discentes, para que reconheçam e se habituem ao contexto universitário. Nela, os entrevistados relatam ter compreendido de maneira mais detalhada as possibilidades de carreira relacionadas ao curso escolhido, que foram consideradas mais amplas do que o previsto inicialmente. Tal percepção está em consonância ao estudo de Santos (2020), no qual se identificou que o espaço acadêmico é entendido pelos universitários negros como um local de convivência entre estudantes, servidores e docentes, além de se constituir como um ambiente de aprendizado de conteúdos vinculados às exigências profissionais.

Por outro lado, também foram descritas situações em que os recursos fornecidos pela IFES, sobremaneira o reduzido número de professores, foram considerados insatisfatórios ao adequado desenvolvimento da carreira. Esse descontentamento traduz o que observam Mourão e Fernandes (2020) a respeito da influência dos elementos contextuais na aprendizagem ou no desenvolvimento profissional de um sujeito, que ressaltam como os ambientes que não fornecem suporte apropriado podem dificultar a trajetória de carreira dos indivíduos que o compõem.

Ambientados na instituição, os graduandos negros passam a explorar suas possibilidades laborais por intermédio do contato com diferentes atividades promovidas pela IFES. Nesse contexto, a exploração do modo de funcionamento da IFES resultou em experiências negativas com racismo (T2, C2, C3), que apesar de não ter sido manifestado verbalmente, apresentou-se de forma nítida pela distinção no tratamento empregado a negros e brancos. Allen (2020) auxilia na compreensão desse fenômeno ao indicar que nas universidades predominantemente brancas, como a IFES é percebida pelos participantes, há a circulação de ideologistas racistas, constituídas pelos grupos dominantes, que produzem medo e ansiedade em relação à presença de negros no campus. Isso contribui, segundo o autor, para a sensação descrita pelos universitários negros de hipervisibilidade, pois, por serem alguns dos poucos indivíduos negros no campus, há uma constante vigilância de suas ações e, em algumas ocasiões, questionamentos sobre suas presenças (Allen, 2020).

As experiências positivas relacionadas às vivências raciais (T2, C2), por sua vez, são possibilitadas pela aproximação entre os estudantes negros, que ao constatarem a segregação racial existente na IFES, recorrem ao suporte de seus pares para garantirem o apoio emocional necessário à permanência no Ensino Superior, prática reconhecida por outras investigações (Harris et al., 2018; Santos, 2020). Nesse sentido, Harris et al. (2018) identificam que, após serem vítimas de microagressões raciais, alguns discentes tentam estabelecer redes de apoio, formais ou informais, com outras pessoas de mesma raça/cor.

O apoio interpessoal também compôs o processo de estabelecimento da carreira, como nomeia a TCC (T2, C3). Essa aproximação dos demais discentes da IFES não parece se justificar apenas pelos benefícios associados a ela, mas também pela dificuldade dos graduandos negros de erigirem uma relação profícua com outros componentes da instituição (T2, C3). Essa lógica evidencia o apontado por Coelho et al. (2019), de que, embora o racismo seja reconhecido como um dos fenômenos estruturantes da sociedade brasileira, as políticas adotadas pelas universidades não são capazes de assegurar um acesso igualitário ao Ensino Superior e tampouco uma permanência satisfatória aos discentes negros, de forma que elas permanecem sendo um ambiente hostil para esse grupo populacional.

Por último, após identificarem, por intermédio da exploração, os entraves à adequada permanência no Ensino Superior e recorrerem a diferentes formas de lidar com seus impactos, durante o processo de estabelecimento, os universitários negros desenvolvem estratégias de combate às limitações impostas pelo racismo, direta e indiretamente, na carreira (T2, C4). Esse gerenciamento da carreira, conduzido por intermédio do desenvolvimento de estratégias para a supressão dos efeitos do racismo, considerando os resultados da pesquisa de Franklin (2019), mostra-se adequado, tendo em vista que o enfrentamento se mostrou uma vigorosa alternativa para o alívio das fadigas psicológica e comportamental motivadas pela batalha racial. Em contrapartida, é importante salientar que a responsabilidade pelo combate aos efeitos do racismo não deve recair sobre os universitários negros, de modo que, conforme expresso por Allen

(2020), cabe às universidades a busca e a implantação de medidas para melhoria das vivências acadêmicas e para o aumento das oportunidades educacionais e sociais dos estudantes negros.

Considerações Finais

Frente ao exposto, é possível constatar que a IFES alvo do estudo foi cenário para múltiplas manifestações, diretas e indiretas, do racismo, que apesar de estar, naturalmente, presente durante toda a vida dos indivíduos negros, passou a ser reconhecido com maior nitidez pelos participantes após o ingresso no Ensino Superior. Isso se deve, principalmente, pelo caráter ainda branco e elitista da instituição, que embora tenha passado a receber mais discentes negros, devido à política de reserva de vagas, não se preparou para oferecer uma estrutura adequada à permanência desse grupo populacional. Isto posto, coube aos próprios estudantes negros, após compreenderem a dinâmica da IFES, desenvolverem ações de manejo e combate às limitações encontradas.

Diante disso, essa investigação avançou na compreensão sobre a carreira dos universitários negros, descrevendo não apenas os impactos do racismo identificados por eles, como também as estratégias empreendidas no combate a seus efeitos e, em especial, a importância concedida aos grupos de apoio constituídos na instituição. Esses achados contribuem para a formatação de políticas que forneçam a assistência, financeira e psicológica, necessária à satisfatória permanência no curso. Destaca-se, ainda, a importância de que sejam executadas ações que fortaleçam os vínculos entre os estudantes e fomentem a criação de grupos de apoio, visto que as relações interpessoais despontaram como um relevante fator de manejo aos desafios do Ensino Superior.

Por fim, cabe destacar que a etapa de desengajamento do processo de adaptação não foi percebida nas narrativas dos participantes, possivelmente por se tratar de carreiras majoritariamente marcadas pelo engajamento nas atividades profissionais, comportamento típico de sujeitos jovens inseridos no Ensino Superior, como são a maioria dos entrevistados. As limitações observadas no presente estudo se relacionam às características dos participantes, sobretudo no que diz respeito às graduações cursadas pela maior parte deles, vinculadas fundamentalmente à área de Ciências Humanas, em que as discussões sobre o racismo tendem a ser mais frequentes. Por isso, a generalização dos resultados não é recomendável e novos estudos, com estudantes negros distribuídos de maneira mais diversa entre as graduações, são sugeridos.

Referências

- Allen, Q. (2020). (In)visible men on campus: campus racial climate and subversive black masculinities at a predominantly white liberal arts university. *Gender and Education*, 32(7), 843–861. <https://doi.org/10.1080/09540253.2018.1533924>
- Almeida, B., & Teixeira, M. (2018). Bem-Estar e Adaptabilidade de Carreira na Adaptação ao Ensino Superior. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 19(1), 19–30. <https://doi.org/http://dx.doi.org/1026707/1984-7270/2019v19n1p19>
- Ambiel, R. A. M. (2014). Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15–24. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

- Ambiel, R. A. M., & Barros, L. de O. (2018). Relações entre evasão, satisfação com escolha profissional, renda e adaptação de universitários. *Psicologia - Teoria e Prática*, 20(2), 254–267. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v20n2p254-267>
- Ambiel, R. A. M., Hernández, D. N., & Martins, G. H. (2016). Relações entre Adaptabilidade de Carreira e Vivências Acadêmicas no Ensino Superior. *Psicología Desde El Caribe*, 33(2), 39–54. <https://doi.org/10.14482/psdc.33.2.7071>
- Ambiel, R. A. M., Martins, G. H., Tofoli, L., & Campos, L. P. de. (2019). Variáveis acadêmicas e extracurriculares predizem adaptabilidade de carreira. *Psicologia Para América Latina*, 31, 1–11. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2019000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Bardin, L. (2015). Análise de conteúdo. Edição revista. In *Lisboa: Edições* (Vol. 70).
- Campos, C. J. G. (2004). Content analysis: a qualitative data analysis tool in health care. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 57(5), 611–614. <https://doi.org/10.1590/s003471672004000500019>
- Carvalhoes, F., & Ribeiro, C. A. C. (2019). Horizontal opportunities in access to higher education in Brazil: Socioeconomic status, gender and race in a context of educational expansion. *Tempo Social*, 31(1), 195–233. <https://doi.org/10.11606/01032070.ts.2019.135035>
- Coelho, I. M., Alves, R. A. L., Souza, D. C. de, & Honorato, E. J. S. (2019). Preto lá faz faculdade? Uma revisão da literatura sobre racismo nas universidades brasileiras. *Revista Intersaberes*, 14(32), 381–395. <https://doi.org/10.22169/revint.v14i32.1563>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016*. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Duarte, F. da C., Paixão, M. P., & Silva, J. T. da. (2020). Diferenças na adaptabilidade da carreira em dois momentos do ensino secundário. *Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación*, 7(2), 115–126. <https://doi.org/10.17979/reipe.2020.7.2.6420>
- Farina, L. S. A., Kretzmann, R. P., Gasparetto, L. G., Rodrigues, G. dos R., Bardagi, M. P., Giacomoni, C. H., & Teixeira, M. A. (2020). Construção e evidências de validade da Career Adapt-Abilities Scale (CAAS) brasileira para adolescentes. *Psico*, 51(3), e33735. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.3.33735>
- Flick, U. (2009). Amostragem, seleção e acesso. In *Desenho da Pesquisa Qualitativa* (pp. 43–55). Artmed.
- Franklin, J. D. (2019). Coping with racial battle fatigue: differences and similarities for African American and Mexican American college students. *Race Ethnicity and Education*, 22(5), 589–609. <https://doi.org/10.1080/13613324.2019.1579178>
- Galletta, A. (2013). Crafting a design to yield a complete story. In *Mastering the semistructured interview and beyond: From research design to analysis and publication* (Vol. 18, pp. 9–44). NYU Press.
- Harris, T. M., Janovec, A., Murray, S., Gubbala, S., & Robinson, A. (2018). Communicating Racism: A Study of Racial Microaggressions in a Southern University and the Local

- Community. *Southern Communication Journal*, 84(2), 72–84.
<https://doi.org/10.1080/1041794X.2018.1492008>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2011). Histórico da investigação sobre cor ou raça nas pesquisas domiciliares do IBGE. In *Características étnico-raciais da população: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça, 2008*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua*.
https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf
- Martins, E., Santos, A. de O. dos, & Colosso, M. (2013). Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. *Psicologia: Teoria e Prática*, 15(3), 118–133.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872013000300009
- Mourão, L., & Fernandes, H. (2020). Perception of workers about inhibitors and fuels of professional development. *Psicologia: Teoria e Prática*, 22(2), 250–272.
<https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n2p273-295>
- Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, (2012).
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm
- Salvador, A. P., & Ambiel, R. A. M. (2019). Adaptabilidade de carreira e autoeficácia ocupacional: relações com variáveis de carreira. *Revista Avaliação Psicológica*, 18(03), 256–263. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1803.16853.05>
- Santos, W. O. dos. (2020). Identidades de Cotistas Negros Egressos: Experiências das Universidades do Centro-Oeste. *Revista Da Faculdade de Educação*, 34(2), 221–242. <https://doi.org/10.30681/21787476.2020.34.221242>
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (Vol. 1, pp. 42–70). John Wiley & Sons, Inc.
- Savickas, M. L. (2013). Career construction theory and practice. In *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (Vol. 2, pp. 147–183).
- Wehrle, K., Kira, M., & Klehe, U. C. (2019). Putting career construction into context: Career adaptability among refugees. *Journal of Vocational Behavior*, 111, 107–124. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2018.08.007>